

Povos Indígenas no Brasil

Fonte S. Vieira Class.: 215

Data 28 de julho de 1985 Pg.:

No "Vô das Garças", a expressividade do colorido do pintor



Artes Visuais da Amazônia

Telas como esta da "Vitória Régia" provocam a afirmação de que atendem muito bem as exigências do lay-out



Stevenson, da pintura às pesquisas sobre a verdade do El-Dorado

Quando o chileno Roland Stevenson chegou a Amazônia, em 1973, o seu único desejo era conhecer a "região mais misteriosa do Brasil" e depois retornar a Recife, onde trabalhava como diretor de Artes da "Norton Propaganda". A floresta e os povos amazônicos o fizeram mudar radicalmente de idéia. Roland passou a pintar quadros com motivos da região, especialmente os indígenas.

De um artista plástico desconhecido até mesmo em Manaus, Stevenson transformou-se numa figura bastante discutida. Para uns não passa de um farsante que quer se projetar buscando "coisas absurdas", para outros, entretanto, é um pesquisador que merece crédito, um idealista que vai acabar provando o que deseja. E o que esse pintor chileno que vive há 22 anos no Brasil quer é descobrir, com a ajuda de pesquisadores especializados, os mistérios da Amazônia Ocidental. Há sete anos fazendo observações nas serras do Pico da Neblina, Roland está cada vez mais convicto de que naquela região reside o grande enigma - um caminho pré-colombiano extinto, utilizado pelos Incas para chegar até a Amazônia. Suas convicções são reforçadas pelos vestígios encontrados na área durante as várias expedições por ele realizadas, como os fortes de pedra e outros sinais de que no passado o local fora habitado. Os índios que vivem naquela região - Makú, Tukano, Baniwa, Pirá-Tapuya -, não moram em casas de pedras, mas em construções típicas, as malocas. Para esses povos o caminho pré-colombiano de Stevenson é apenas o "Nhaminiwi" - "Casa da Noite".

Em um esboço feito recentemente o artista-plástico mostra todo o roteiro da migração dos Tukano da Cordilheira dos Andes para o Brasil. Diz Stevenson que o conceito oficial era de que os índios utilizaram os rios, a partir do Putumayo Içá, Solimões e Negro, para chegarem ao território brasileiro. "Essa definição está, hoje, completamente errada, na verdade os Tukanos chegaram ao Brasil pelo caminho do Nhaminiwi", afirma.

Dos grandes aos pequenos detalhes, o pesquisador vai reunindo o que chama de "provas que justificarão toda a minha luta amanhã". Com um velho índio Tukano, do rio Pari-Cachoeira, Roland descobriu uma peça de cipó idêntica a que era utilizada pelos Incas (o quipus) para cadastrear número de habitantes, safra de produtos. Para os Tukano essa peça é apenas o "sepataridá" e serve como adorno. Numa das encostas da serra do Pico da Neblina, o artista encontrou, ano passado, um petróglifo de baixo relevo, do qual sobressai um Lhama, animal dos Andes, que tem pescoço vertical o que não lhe permite andar na selva. O petróglifo esta-

ria bem próximo do possível caminho pré-colombiano. Nessa região vivem, desde o século XVIII, os Taryana, mas os desenhos na pedra já existiam antes de sua chegada.

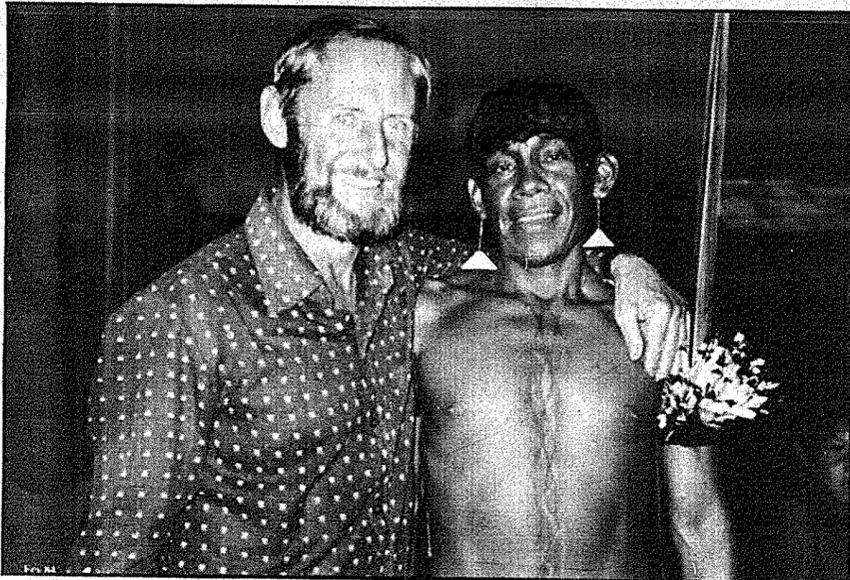
Mesmo sem especialização universitária que permita suas investigações científicas, daí ter problemas com sociólogos, etnólogos, arqueólogos, Stevenson não se priva do direito de realizar pesquisas, desculpa-se alegando que nunca recebeu apoio para levar adiante seus estudos na região e, tem certeza de que tão cedo os pesquisadores brasileiros não terão incentivos para investir nesse campo. "Reúno observações empíricas que se apresentam durante minhas andanças nas serras, mas os especialistas podem provar cientificamente, e se conseguirmos isso estaremos prestando um grande papel à história da humanidade", comenta. E com essa tese que Roland iniciou uma pesquisa sobre morfologia somática humana tendo como objeto principal os índios Yanomami. Através de uma coleção de fotografias, que reúne dezenas de rostos Yanomami de Maturacá, divididos pelo pesquisador em quatro grupos - a) semelhantes aos Chibchas, da Colômbia; b) Semelhantes aos Quéchuas, do Peru; c) mestiços de vestígios caucásicos (brancos); d) os amazônidas.

Com essa coleção de traços fisionômicos o artista-plástico tem certeza de que os atuais indígenas do Noroeste Amazônico descendem de extintas civilizações pré-colombianas. Stevenson sente-se cada vez mais animado a prosseguir nas investigações que poderão, segundo suas perspectivas, descobrir a origem do povo Yanomami, e com essa descoberta adquirir, enfim, uma importante pista para desvendar o mistério do Eldorado - a cidade perdida -, que seria "manoa", uma cidade fundada por grupos incaicos que fugiam dos conquistadores espanhóis no século XVI. E nesse aspecto quem dizer que Stevenson é um fantasiador, terá que vir a ele uma outra figura famosa, Theodore Roosevelt, presidente dos Estados Unidos que, em 1913 teria aventurado-se a localizar Manoa. O topógrafo inglês Fawcett, um dos que acredita no que hoje é apenas uma lenda lembrava que "os pigmeus africanos foram também considerados pura lenda, até o dia em que foram descobertos".

Pouco a pouco Roland vai somando apoio à sua investigação, às suas teses. Ainda este ano deverá ser editado, em Massachusetts, um livro contendo todos os documentos resultantes de suas pesquisas. Um antropólogo-escritor dos Estados Unidos está coletando todo o material reunido pelo artista-plástico nesses sete anos de estudos nas serras do Pico da Neblina, que será trabalhado cientificamente e depois lançado em forma de livro.



O pintor se revela um excelente paisagista



Stevenson e um índio yanomami



"O Ataque das Amazonas" que ganhou o Prêmio Suframa de Artes Plásticas de 1983



Tipos catalogados pelo pesquisador: trabalho antropológico sobre os índios do noroeste da Amazônia

Na pintura

A pintura de Roland Stevenson também não é menos polêmica do que sua pesquisas em torno das civilizações andinas. Comentados por alguns como uma "pintura cheia de ação, objetivo, graça e expressividade", os trabalhos também merecem observações do tipo "uma arte unicamente comprometida com o belo. Não mais que isso".

Suas amazonas de corpos perfeitos - seios empinados, cintura fina e largos quadris - enchem os olhos dos turistas mas não correspondem ao real. Em contrapartida se não são documentos vivos dos tipos e vida amazônica, os quadros de Stevenson, "transportando para uma realidade utópica", mostram toda "a exuberância de nossa floresta ainda intocável", como opina a artista plástica Auxiliadora Zuazo.

E é o próprio artista que justifica a sua forma de pintar: "Quando pinto um quadro, penso que ele passará a ser visto dentro de uma sala e por isso deve ser belo. Daí a sua preocupação de retratar a beleza da fauna, da flora e do índio da região.

Os estudos baseados na morfologia somática humana auxiliam nas suas criações, elogiadas por mitos. Seus admiradores, que possui para concepção da estrutura humana, assim como de suas aves. O colorido de Stevenson é outro ponto exaltado pelo espectador.

Com um público marcadamente de turistas, vale a afirmativa do pintor de que vive muito

bem da comercialização de sua arte. Se é pura ou não? A conversa é outra. Seus admiradores, compradores e artistas que o julguem.

Desde 1977 já realizou mais de 80 exposições entre individuais e coletivas, no Brasil e nos Estados Unidos, com várias premiações, entre elas, o Prêmio Suframa de Artes Plásticas de 1983. Atualmente acha muito difícil conseguir montar uma exposição, uma vez que levaria algum tempo para organizar o acervo, coisa quase que parece impossível, pois seus quadros são vendidos à medida que ficam prontos, no mínimo ao preço de 750 mil, cada um.

"Sou o artista que mais vendeu quadro nesse ano em Manaus", diz o artista, sem modéstia. Se sua pintura sai rápido, como a dos cartazes de cinema, feito arte publicitária, se ela está contribuindo para arte e sobretudo para a história a questão fica no ar. O que importa é que embora seja um pintor discutido, Stevenson é indiscutivelmente um pintor. Há espaço pra cada um (artista) e cada qual que faça o seu, lembrando o artista Jair Cantanhede.

O artista que tem sua formação na Escola de Artes de Santiago, Chile, mesmo não tendo quadros tão realistas quanto suas pesquisas e expedições nas regiões indígenas do noroeste e amazônico, possui uma excelente pintura ilustrativa para oferecer. Quem gostar que compre.

Texto: Ivânia Vieira
Idelzuita Araújo
Fotos: Roland Stevenson